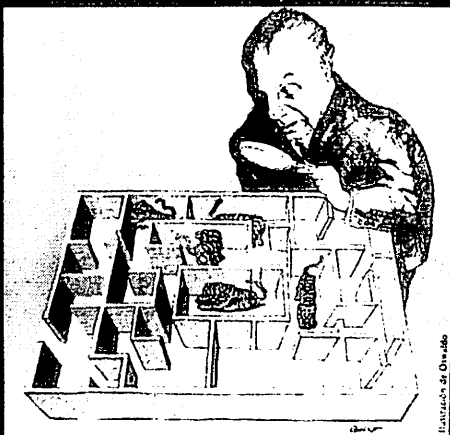


Desenho do artista plástico Oswaldo em que Borges procura tigres num labirinto



INFORME DE BORGES

MANUEL DA COSTA PINTO

Quantos Borges existem em Jorge Luis Borges? Quem quer que tenha mergulhado na bibliografia do escritor argentino sofre a sensação de penetrar num *labirinto* – metáfora recorrente num autor que afirmou que “talvez a história universal seja a história de algumas metáforas” (“A esfera de Pascal”, *Outras inquisições*). Obviamente, os labirintos rejeitam por definição os itinerários predefinidos, mas é possível prevenir o leitor a respeito dos seres reais e imaginários que irá encontrar atrás de cada espelho ou *trompe l'oeil* plantado por Borges em seu “jardim de veredas que se bifurcam” (título, aliás, de um livro de 1941, posteriormente incorporado ao volume *Ficções*).

Assim, pode-se dizer que existem pelo menos três Borges. O primeiro deles surge em 1923, com *Fervor de Buenos Aires*, livro de poemas que é uma elegia aos pátios silenciosos e às ruelas dos subúrbios da cidade, combinando influências vanguardistas do movimento *ultraista* (que ele conhecera na Espanha e trasladara para a Argentina) a um ímpeto nativista de busca da identidade nacional – presente também em seu segundo livro de poemas, *Lua de frente*, e nos livros de ensaios *Evaristo Carriego* (biografia do poeta popular argentino), *Inquisições*, *O tamanho de minha esperança* e *O idioma dos argentinos* (estes três últimos seriam expurgados por Borges da edição de suas *Obras completas*).

Para além do nacionalismo (que marcou importantes ensaios sobre a tradição literária argentina), Borges almejava a criação de uma linguagem que traduzisse a condição de um intelectual cosmopolita no ambiente periférico de um país da América do Sul. O segundo Borges é esse escritor que lê os clássicos espanhóis, franceses e ingleses num ambiente

povoado pelo imaginário gauchesco, um escritor com um pé na Europa, outro nos pampas, mas que não pertence nem a um hemisfério nem ao outro, criando uma esfera autônoma para a literatura, que assim se torna a matéria-prima e o *habitat* de sua escrita.

Em *História universal da infâmia*, Borges falsifica e distorce (segundo suas próprias palavras) as histórias criadas ou vividas pelos outros, num procedimento que será radicalizado em *História da eternidade*. Neste livro de ensaios sobre o tempo e a metafísica, sobre a poesia islandesa e os tradutores das *Mil e uma noites*, Borges insere a resenha de um livro inexistente (no texto “A aproximação de Almotásim”), reportando-se a um autor, a um livro e a uma história supostamente verídicos, mas que na realidade são inventados pelo crítico que assim rompe com as fronteiras entre ficção e não-ficção, burlando o leitor.

Ficções representa o apogeu dessa nova estratégia narrativa. Em “Tlön, Uqbar, Orbis tertius”, por exemplo, Borges narra em tom serenamente acadêmico uma investigação sobre enigmáticos testemunhos acerca de um planeta desconhecido – investigação da qual teriam participado escritores (e amigos de Borges) como Adolfo Bioy Casares e Pierre Drieu La Rochelle, e em que são elencadas inúmeras referências bibliográficas tão minuciosas quanto falsas. Essa trapaça literária, porém, é bem mais do que um divertimento de erudição imaginária. Em “Pierre Menard, autor do *Quixote*”, pedra angular da prosa borgiana, o escritor conta a história (fictícia) do poeta pós-simbolista francês que tentou reescrever a obra de Cervantes. Borges cita então um trecho do *Quixote* original e o trecho correspondente de Menard: ambos são absolutamente iguais,

mas – sugere Borges – absolutamente diferentes, pois o momento da escrita cervantina e da leitura e reescrita por Menard diferem totalmente, cada palavra é modificada pelo contexto irreduzível de sua recepção e, portanto, de sua recodificação.

Com *Ficções*, estava aberta a via do “terceiro Borges”, o Borges dos textos críticos de *Outras inquisições* e *Discussão*, dos prólogos de *Biblioteca pessoal*, das conferências de *Sete noites* e do *Atlas* que relata suas viagens. Pois se a repetição integral de uma obra por outra é simultaneamente uma recriação, então todo ato de leitura modifica o texto que tem por objeto e todo texto crítico será um artefato ficcional. O Borges ensaísta é um ficcionista.

Simultaneamente, Borges continuará a escrever sobre enigmas textuais (inventados ou reais), seres imaginários e universos insondáveis (como em *O Aleph*), poemas e relatos curtos (*O fazedor*, *O elogio da sombra*), ou até mesmo contos de caráter mais “realista” e que retomam personagens do mundo gauchesco e boanerense (como em *O informe de Brodie*). Em todos eles, porém, permanece como traço distintivo uma indagação explícita sobre o processo de construção da trama, sobre a gênese cerebral e livresca das mais delirantes obsessões (os labirintos, os tigres, os tabuleiros de xadrez, os espelhos etc.). Ao contrário de outros escritores da chamada literatura fantástica latino-americana como Julio Cortázar, Ernesto Sábato, Bioy Casares, García Márquez etc. – dos quais aliás foi precursor –, Borges não é um *narrador*, mas um autor voltado para a *escritura*, para os processos mentais que tragam os seres e as palavras para essa grande metáfora do mundo que é o livro. □